

LUIZ VIANA FILHO

EDIVALDO M. BOAVENTURA

O *Eclesiástico* nos inclina a fazer o elogio dos homens ilustres:

*Eles foram soberanos em seus Estados,
Foram homens de grandes virtudes, do-
tados de prudência.*

*Eles governaram os povos de seu tempo,
E com firmeza de sua sabedoria. . .*

*Homens ricos de virtude,
Que tinham o gosto da beleza,
E viviam em paz em suas casas.*

*Todos eles adquiriram fama junto de
seus contemporâneos,
E foram a glória de seu tempo.*

(*Eclesiástico*, 44,1-9)



Imbuídos desse espírito de sabedoria bíblica, evoquemos a figura de LUIZ VIANA FILHO, neste exato momento de especial reverência, convocado pela Academia de Letras da Bahia, com a participação da Universidade Federal da Bahia, da qual ele foi aluno e mestre — da Faculdade de Direito e da Faculdade de Filosofia; do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; da Fundação Museu Carlos Costa Pinto; da Fundação Joaquim Nabuco; da Fundação Casa de Jorge Amado; do Gabinete Português de Leitura; da Fundação Pedro Calmon e do Instituto Geográfico e Brasileiro, por determinação expressa e direta do seu presidente, Américo Jacobina Lacombe.

Para este epicéδιο, reunimo-nos todos, instituições culturais, familiares, amigos e colegas, na congregação de nossas lembranças arrancadas do fundo da nossa saudade.

E porque temos o LUIZ VIANA FILHO que construímos pelo amor filial e convivência amiga, pela exemplar atuação política e admiração da obra erudita, é que podemos, uníssona e harmoniosamente, reconstruir a sua figura pela dívida da intimidade.

Se, pela falta, continuamente o recordamos, pela nossa lembrança o ressaltamos, na tentativa de revê-lo por inteiro, na integridade moral e física que, Deus louvado, conservou até os últimos dos seus laboriosos dias.

Vamos todos, familiares e amigos, acadêmicos e associados das diversas instituições culturais, fazer o esforço de vencer a sensação de ausência para que os nossos corações possam dar graças ao Senhor pela sua gloriosa existência.

Ainda é o *Eclesiástico* que ensina: *toda obra excelente será aprovada e o seu autor nela achará orgulho*. Assim, juntos e preparados, vamos expli-

citar a figura de um homem singular pela soma de qualidades que o tornam único, excepcional e inconfundível.

O universo familiar

Ainda no intróito, retiremos o exemplo de marido e pai, que soube com sabedoria edificar um lar e conviver com a absorvente atuação político-partidária. A política, sua vocação primeira, não o afastou de casa. Pelo contrário, tudo nele se unia porque sabia a medida das coisas.

Com Dona Juju, cuja presença para todos nós é o centro desta invocação, construiu o belo universo familiar. Universo de filhos, com Frederico, que o precedeu e agora desfruta de sua companhia celeste; Luiz e Solange, o nosso Luiz Viana Neto, cuja ascendente carreira recebe o reforço da herança paterna; Lia e Alberto Queiroz; Julieta (Juzinha) e Fernando Didier; Celina (Cely) e Luciano Visco; e Marilu e Gustavo, além dos 20 netos e oito bisnetos. Bendito seja aquele que vê os filhos dos seus filhos!

A família, como arsenal afetivo de base, estava sempre próxima dele nos momentos apropriados e nas horas aprazadas. Tanto assim, que partiu para a viagem definitiva, não por acaso, do lar de Verônica, sua neta, em São Paulo.

Meus amigos, deixemos, entretanto, bem encerradas as lembranças íntimas, as mais caras e as mais próximas, escondidas no escrínio da paternidade e repitamos um verso do livro sapiencial: *Homem rico de virtude, que tinha o gosto da beleza, e vivia em paz em sua casa.*

Vamos prosseguir desse patamar familiar para trazer à lembrança as duas maiores manifestações de sua rica personalidade: a grandeza do homem público, em primeiro lugar, e a realização do literato, em seguida.

A grandeza do homem público

A tendência para as letras emparelhava com a vocação política, da qual era um profissional experimentado. Não obstante a atenção dada àquelas duas maiores inclinações do seu espírito, as responsabilidades da política punha sempre em primeiro lugar. Era, antes de tudo, um político, na melhor e maior expressão dessa atividade — no gosto pelas realizações do governo, no acompanhamento da marcha da administração e na atenção sempre pronta para indicações dos correligionários. No discurso compungido de posse no Senado, Viana Neto deu o sentido exato do homem público que fora seu pai. Ouçamo-lo:

Meu pai foi, efetivamente, o que se pode dizer de um homem público. Um homem que desde a juventude decidiu participar, interferir e influir nos rumos da sua comunidade, do seu Estado e do seu País. E isso, efetivamente, ele conseguiu (ser) um homem público, cuja maior motivação na vida era a realização do bem comum.

Os cargos que balizaram o sucesso de LUIZ VIANA FILHO confirmaram a precoce vocação, revelada desde a juventude, na observação da

aprendizagem paterna, na longínqua e sempre presente infância na companhia do Conselheiro Luiz Viana.

Contou muito a sua identificação e a aceitação de suas raízes são-franciscanas: os Viana de Casa Nova, cidade fundada pelos seus antepassados. Militou sempre, politicamente, em função desse realismo interiorano, um dos seus fortes.

A região do São Francisco, aliás, tem sido sempre uma das contingências e das presenças marcantes na vida política baiana. Do Império à República é uma constante: ontem, com o barão de Cotegipe, o tribuno Fernandes da Cunha, Abílio Cesar Borges e o próprio conselheiro Luiz Viana; hoje, neste século, com Manuel Novaes, Antônio Balbino, Tarcilo Vieira de Melo, Wilson Lins, Teódulo Lins de Albuquerque, Honorato e Adolfo Viana de Castro, Rui Santos e o governador Nilo Coelho.

As raízes do São Francisco combinaram-se com o fôlego do jovem jornalista, projetando-o da capital para todo o interior.

Em 1933, com 25 anos, candidata-se à Assembléia Constituinte, reunindo o que pôde do espólio político do seu pai — segundo Luiz Rogério de Souza. Um ensaio de aprendizagem política para as demais eleições, às quais se submeteu com êxito. A própria Constituição de 1934 desfez-se, como o seu modelo, a Constituição de Weimar, em pouco tempo.

O deputado federal que se elegeu, em 1934, teve que voltar à Bahia, em 1937, para o jornal, para a banca de advocacia e para a cátedra. Se as atividades políticas estavam suspensas, em compensação as intelectuais encontravam-se em alta.

A redemocratização de 1946 faz retornar ao cenário nacional o jovem e combativo representante da Bahia e reelege-se, sucessivamente, em 1950, 1954, 1958 e 1962. Com o Presidente Castello Branco, é escolhido Ministro-Chefe do Gabinete Civil, de 1964 a 1966.

No *Diário da Tarde*, Josué Montello mostra o lado humano do ministro de Castello Branco ao comunicar ter sido por motivos políticos a cassação do mandato do Senador Juscelino Kubitschek.

Desejando candidatar-se à governança da Bahia, retorna à Câmara dos Deputados, em 1966. Lembro-me vê-lo discutindo com Navarro de Britto, no Ipê, as últimas questões da Constituição que logo mais seria promulgada, em 24 de janeiro de 1967.

O que mais lhe interessava naquele momento era, entretanto, o governo da Bahia, cujos problemas começa a analisar com antecedência. Encomenda a Navarro de Britto o anteprojeto da futura Constituição baiana.

No governo, os principais setores a atacar foram a educação e cultura, transporte, industrialização e ainda urbanismo. A coleção de *Estudos e Projetos*, em mais de vinte volumes, constitui a suma político-administrativa do seu governo e fornece uma idéia bem aproximada do muito que planejou e mais ainda do que realizou, ao longo dos quatro anos.

Destaquem-se os grandes projetos, que aderiram tanto ao solo baiano, frutificando de tal modo que o Estado da Bahia, ao qual dedicou a vida de político, tem novos cenários depois de sua profíqua administração. Alguns merecem uma rápida chamada, como o início da ligação Salvador—Brasília até às margens do São Francisco, em Ibotirama. Rodovia que deveria ser chamada com muita justiça de Luiz Viana Filho, pelo seu patriótico empenho em comunicar a Capital Federal com o litoral.

Aí estão os hospitais e as escolas, centros integrados e faculdades, germes de universidades. A partir daí — é a minha proposição —, desenvolveu-se o sistema estadual de educação do pré-primário à universidade, em busca de um conjunto mais completo. Dentre os grandes projetos do seu governo na área educacional, ressalto a Universidade de Feira de Santana. Certa feita, ao regressarmos da cidade Princesa, transmiti-lhe que a sua criação estava sendo considerada um projeto grande demais para o governo estadual. A sua reação foi pronta e incisiva:

— *Foi por isso, justamente, que eu a criei. Eu gosto mesmo dos grandes projetos. E a Universidade de Feira, por ser projeto ambicioso, me animou a executá-lo.*

Projeto para o *ferry-boat*, para o Aeroporto Internacional 2 de Julho e, acima de tudo, a petroquímica. O que foi a luta do governador para trazer a petroquímica para a Bahia, acredito, somente os seus auxiliares diretos e os íntimos poderão testemunhar. Lutou, trabalhou e conseguiu a decisão de sua implantação na Bahia. O seu livro *Petroquímica e a Industrialização na Bahia* documenta a iniciativa vitoriosa.

As obras do setor de cultura, por terem uma relação com esta sessão, merecem um relato. Sobressaem a Biblioteca Central, Museu das Alfaias de Cachoeira, o Museu Costa Pinto, o Museu do Recôncavo Wanderlei Pinho e o Museu de Arte da Bahia e o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

Meus amigos, Senhores acadêmicos, se estamos aqui reunidos, nesta casa de tão altas tradições e com três funções sucessivas — residência, museu e sede deste Sodalício — isto devemos à decisão de LUIZ VIANA FILHO em reconstruir o solar Góes Calmon. O prédio já não abrigava a coleção do Museu, daqui removida. Quando LUIZ VIANA FILHO assumiu o governo, o empreiteiro que ganhara a concorrência o procurou explicando-lhe que não poderia executar o serviço, considerando as especificações da construção com relevos, azulejos antigos, afrescos de Presciliano *et alii*. Aconselhou ao governador que buscasse realizar as obras por administração direta, sendo o trabalho entregue ao engenheiro Aderbal Menezes que contou com a assessoria do pintor Newton Silva e do professor Carlos Eduardo da Rocha, diretor deste e do Museu do Recôncavo.

A inauguração da Biblioteca Pública foi um sucesso. Assim, preparava-se para deixar o Aclamação com a tranquilidade do dever cumprido. Apesar dos insistentes apelos, para candidatar-se ao Senado, a sua intenção

foi de ir té o último dia do mandato, conforme a tradição de Mangabeira. A sua sobrinha Maria Helena Pinho Gama, recentemente, me repetiu a frase do grande governador: *Mandato entregue pelo povo, deve-se ir até o fim.*

LUIZ VIANA FILHO, preferindo ser fiel ao seu povo e à tradição, ficou até o término da gestão. Até o último momento, concebe novos projetos, novas inaugurações e novas obras, como a Ponte João das Botas, o Museu do Recôncavo, o Parque Histórico Castro Alves e a inauguração do Estádio Otávio Mangabeira.

A ampliação do Estádio Otávio Mangabeira exigiu a interferência direta do governador. Custou-lhe muito em preocupação, por causa dos prazos. Terminado o governo, exclamou entre aliviado e vitorioso: *Aquilo foi o meu purgatório. Quando chegar junto a São Pedro, direi que já o cumpri na ampliação da Fonte Nova.*

Recordava-me sempre que era muito importante o governante atingir o fim do mandato. E até insistia nesse ponto. Certa vez eu lhe respondi *que não via problema*, que certamente ele chegaria ao final e passaria o cargo ao governador eleito. Lembrou-me, então, do caso do governador Araújo Pinho, que teve de apeiar do governo, forçado e doente, com terríveis problemas de coluna que o obrigaram a descer a escarpa da Vitória, tomar um barco e ir refugiar-se em Santo Amaro, em 2 de dezembro de 1911, faltando poucos meses para concluir o seu período. Como sempre, dominando a história, principalmente a baiana, tirava conclusões, exemplos, antecedentes e ilustrações oportunas e preciosas.

Em 15 de março de 1971, passou o cargo a Antônio Carlos Magalhães, *viajando no dia seguinte. Satisfeito pelo que realizara e querendo ter feito mais pelo engrandecimento da Bahia.*

Para concluir o lado político de sua personalidade, vou revelar um telefonema que dei para Petrópolis para saber como estava se recuperando do cansaço. Julgava-o exausto e lendo os livros na tranqüilidade serrana, após quatro anos de luta em favor da sua terra. Indaguei-lhe *como ia passando*, se estava ainda muito fatigado. Sabem, meus senhores, qual foi a sua resposta do outro lado da linha?

— *Estou pronto para outra, para recomeçar um novo mandato!*

A política realmente o envolvia em todas as situações.

A partir de 1975, ascende ao Senado. Depois de longa trajetória política, como deputado federal em seis legislaturas, ministro e governador, chegava à Casa Alta, reelegendo-se em 1982. Assim, durante quase 16 anos, a Bahia esteve presente por um representante da estirpe de Rui, Mangabeira, Juracy Magalhães e Aloísio de Carvalho Filho. Com a presidência do Congresso Nacional, atingia o ápice de sua carreira parlamentar.

Concluindo esta primeira parte, referente ao papel político desempenhado por LUIZ VIANA FILHO, é forçoso repetir com o *Eclesiástico: Eles (os homens ilustres) governam os povos de seu tempo. E com a firmeza de sua sabedoria deram instruções muito santas ao povo.*

A realização do literato

A outra parêntese mais significativa de sua vida foram as letras. Verso e reverso? Guerra e paz? Partidas dobradas? A personalidade, na sua integridade, é uma só; os papéis, as funções, os chamados, as motivações podem, entretanto, ser vários.

Em LUIZ VIANA FILHO a vocação para a literatura é uma prova de sabedoria na administração eficaz do tempo. Se grandes foram as obras como governador, se muitos foram os projetos de lei e outras realizações na política, de igual modo sobressaem os trabalhos literários. Para Alceu de Amoroso Lima, é o príncipe dos nossos biógrafos.

Manejando admiravelmente a língua portuguesa, que defendera no Congresso, em 1935, sabia concertar harmoniosamente política com literatura. As intercomunicações das duas esferas de atividades emprestavam-lhe um toque especial à personalidade. Era um deputado e um estudioso da língua portuguesa! Era tanto um senador como um participante dos cursos sobre Rui Barbosa. Era um senador que fazia discursos primorosos para os Reis de Espanha, Don Juan Carlos e Dona Sofia! Essa simbiose qualifica-o como um dos derradeiros casos, hoje cada vez mais raros, de intelectual na política.

Porém, se a curiosidade intelectual conduzia-o fatalmente para a erudição, o realismo político, aprendido no jornal e na política do São Francisco, arrastava-o para a sabedoria do bom senso. Era o detentor da balança rara e difícil, que pesava a medida das coisas.

Entre as duas colunas máximas de manifestação da sua personalidade, movia-se o homem culto, polido, extraordinariamente educado, comedido no gesto e na palavra, atento a tudo.

Está o jornalismo, no qual ingressara antes dos vinte anos, tanto no começo da sua vida política, como no início da carreira literária. Nas letras, dá entrada com obras jurídicas, pelo aprendizado das teses. Logo formado, em 1929, no ano seguinte apresenta a dissertação *A lei reguladora da sucessão ab-intestato, no Direito Internacional Privado*, para docência livre, que não chega, entretanto, a defender. Inicia a carreira como advogado com Aliomar Baleeiro e Álvaro Nascimento. Acerca da tessitura de filigrana desse triunvirato de amigos nada posso acrescentar ao depoimento de Leda Nascimento Pedreira. Com o primeiro, publica o *Direito dos Empregados no Comércio*.

Do seu primeiro mandato, deixou-nos a *A língua do Brasil*. É a defesa do projeto contra os partidários da chamada "Língua Brasileira". É a favor da unidade lingüística em termos de léxico, da prosódia e da sintaxe. Para LUIZ VIANA FILHO: *Língua brasileira, no momento, é mais do que um erro, é um crime*. E hoje, quando a língua portuguesa tornou-se internacional, falada por sete nações livres do mundo e recomendada entre as seis línguas pelo Congresso americano, o que dizer da tese de nosso homenageado? Ao recepcionar a biblioteca de Álvaro Nascimento, cujo ingresso na Academia deu-se depois de sua morte, eleito por Leda e Luiz Viana,

este deixou escapar que cultivava o vernáculo com um grupo de amigos, entre eles Álvaro e o conhecido major França, professor de português para o vestibular.

Na volta à Bahia, em 1937, deu à estampa *A Sabinada*. Fez concurso para a Faculdade de Direito tomando posse como catedrático de Direito Internacional Privado. Em 1941, saiu *A vida de Rui Barbosa*. No ano seguinte, elegeu-se para esta Academia. O seu espírito naturalmente acadêmico, que sempre privilegiou a convivência, encontrou o seu habitat. Exerceu-o com a finura de trato, sem excessos nem exibições, mas com autenticidade, comedimento e permanência. Em 1943, é nomeado para a Faculdade de Filosofia da Bahia, para a cátedra de História do Brasil. Publicou, em seguida, *O negro na Bahia*.

Com a biografia de Rui, o escritor fixa-se no gênero literário de sua predileção, em que se tornou o número um. Sem favor, o primeiro dos nossos biógrafos. Descobriu o filão e o explorou abundantemente. A sugestão para a biografia de Rui procedeu de Baleeiro. Rui, como liberal, jurista, democrata, crente do direito, era a antítese do Estado Novo. O objetivo era difundir o ideário do filho do dr. João José Barbosa de Oliveira. Com a vida de Rui, convenceu-se que havia realmente contribuído para a volta à democracia.

O modelo inspirador foi *A vida de Disraeli*, o mais romântico dos ministros da Rainha Vitória, biografado por André Maurois que, então, inovava, no mundo latino, a biografia do modelo inglês. Referentemente ao processo de elaboração dessa biografia, Américo Jacobina Lacombe informou-me, há pouco, que os dois, à proporção que arrumavam a correspondência de Rui, deparavam com os aspectos novos da sua vida, quando, conforme a importância, LUIZ VIANA FILHO solicitava cópia.

A competência no escrever e o manejo do instrumental de expressão escrita iriam facilitar, enormemente, a tarefa do escritor. Se o estilo é a marca do homem, o estilo é, sobretudo, o que fica do homem. Refiro-me à maneira inconfundível como imprime as suas idéias.

Descoberta a veia biográfica, mune-se da metodologia com Maurois, Lytton Strachey, o pai da biografia moderna, e lança *A verdade na biografia*, cuja segunda parte é a polêmica com Homero Pires.

No ensaio contrapõe a biografia antiga e histórica à moderna. Enquanto aquela é encomiástica, hagiológica, pedagógica e moral, esta procura dizer a verdade, revelar o lado humano de uma personalidade, em traços vivos e claros. É o que se percebe na vida de Rui, que, guiado por rígidos princípios e critérios, renuncia a cargos e postos. À biografia calcada na documentação acompanham as variações da complexidade da natureza humana. Segue os cânones de Maurois — cronologia, atenção aos detalhes e temas predominantes na vida do biografado. Notam-se, perfeitamente, essas situações na vida de Nabuco. Mostra as variações do seu temperamento, passando de um dândi, de homem charmoso e elegante dos salões para um Nabuco convertido, místico, devotado à família e ao trabalho,

no final dos seus dias em Washington. Completa a trilogia com a *A vida de Rio Branco*. É a melhor de todas. E a melhor para os melhores. Oferece-a, laconicamente, com duas palavras somente: *Para Jujú*.

Construiu, como moderno Plutarco brasileiro, um belo cenário de crepúsculo do Império à madrugada da República. Quase todos, como o príncipe dos nossos biógrafos, homens de letras; quase todos homens de política — Machado de Assis, Castello Branco, José de Alencar, Eça de Queiroz e Anísio Teixeira.

A propósito desta última, foi motivo do nosso derradeiro telefonema, na manhã de 13 de junho. Falando sobre a biografia do grande educador, ele me informou do título — *Anísio Teixeira e a polêmica da educação*, mas que *estava ainda sem capa*, no que completou: *não entendo de capa, mas sou seu crítico. Vamos consultar a filha do Anísio, Baby*. E prolongou bastante a conversa. Não sabendo eu que seria a última...

Juntava elementos para escrever a vida, irrequieta e talentosa, de Euclides da Cunha. No *Sabadoyle* e no domingo que antecederam a sua partida, conversou largamente com seu amigo Plínio Doyle a respeito, tendo o mesmo lhe fornecido cartas e outros documentos sobre Euclides. Na casa de Carlos Eduardo da Rocha, onde nos reunimos, pelas manhãs de domingo, ele dava as primeiras dicas do novo trabalho.

Gostaria de chamar a atenção para os confrades e parentes que LUIZ VIANA FILHO deixou uma série de pequenos retratos escritos, conferências, pronunciamentos e entrevistas, publicadas ou não, que não chegaram a constituir um livro. São ilustrações: *Aloysio de Carvalho* (Lulu Parola); *Hugo de Carvalho Ramos*; *Wanderlei Pinho*; sua última conferência na Bahia; *João Mangabeira*; *Mário Soares*; *Nilo Coelho*, o Senador. *Alguns aspectos do jornalismo baiano*, a conferência sobre o centenário dos pareceres de Rui, que é de 1982, e outra sobre a Independência do Brasil e da Bahia. Em face das grandes biografias, considero como pequenos quadros, mas de igual valor.

Na biografia, LUIZ VIANA FILHO se revelou como artista. É o artista da palavra escrita, com o domínio do vernáculo e com o instrumental do idioma. Construiu sua obra literária, pois as suas biografias são obras de arte e meio de expressão. Dotado de fino gosto pela leitura e não menor pela admiração da obra de arte, manifestava especial predileção pela pintura. Era um colecionador de arte, de quadros, de gravuras, de livros antigos, raros e de arte, de pratos brazonados! Interessava-se por tudo que lhe tocasse a cultura, a literatura e as ciências — os temas prediletos que caracterizavam o encanto de sua personalidade, como a água para Shalley, as flores para Disraëlli e o teatro para Castro Alves.

Se na política foi um expoente, não menor relevo teve na literatura, firmando, em definitivo, o gênero biográfico na cultura brasileira.

E mais uma vez o *Eclesiástico* nos dá o caminho para ressaltar a sua personalidade no filão da biografia: *Todos eles (os homens ilustres) adquiriram fama junto de seus contemporâneos. E foram a glória do seu tempo*.

Meu caro presidente Cláudio Veiga, prezada Dona Juju, confrades e amigos, vamos terminando esta evocação, na tentativa de configurar por inteiro, pelo menos, o político, o escritor e o artista da palavra escrita. Falta, todavia, ainda um aspecto bem caracterizante daquela personalidade especial, que lhe completa o perfil — LUIZ VIANA FILHO, amigo, o homem da convivência, do convívio acadêmico e político, o “conversante”.

A convivência

Permitam-me que eu inicie com um verso de Gale Baker Atenton:

Reserve seu tempo para ajudar e entreter os amigos, é a fonte da felicidade.

Como argamassa entre a política e as letras, LUIZ VIANA FILHO desenvolveu o mundo da amizade, alimentando-o com a conversa atraente, mansa e amena, plena de sabedoria e de observações pessoais, onde, com uma ligeira pitada de ironia machadiana, emprestava mais vida à sua marcante presença. É a conversa redonda dos baianos, da qual fala Jorge Amado. Um universo de amigos com quem se comunicava, pessoalmente, pela correspondência, pela visita ou pelo telefone. Para tanto, mantinha uma total intimidade com o aparelho de comunicação oral à distância. Dona Juju que o diga. A todo o momento, atendia o aparelho. Nunca o vi recusar uma chamada, salvo em caso de conferência ou se estivesse muito ocupado. E a maior parte das vezes, breve; quando podia, espichava o diálogo. Como com o telefone, tinha também total intimidade com o relógio. A frase é de mestre Pedro Calmon: *Luiz tem uma grande intimidade com o relógio.*

Referindo-se a certa pessoa que entrevistara para uma das suas biografias, a qual não via há muito tempo. Ela começando a falar, foi direta ao tempo passado e gasto:

— Faz tanto tempo que não nos vemos, Dr. Luiz. Ah! o tempo, o tempo é um grande canalha!

Como *causeur*, tinha um mundo de coisas para entreter a conversa. Histórias pequenas derivadas das grandes páginas da História do Brasil e da Bahia. Outra classe de assuntos eram os ditados do sertão que aprendera na observação de sua longa carreira política. Um proverbial é inesquecível e útil: “A terra só faz mal a quem come”, repetia sempre o que aprendera com o Conselheiro seu pai.

Conversa pausada, ritmada, ouvindo muito, sempre atento, com os olhos azuis e miúdos, mas acesos, apercebiam-se de tudo. Sempre estava bem informado. Quando íamos com os cajus, ele já voltava com as castanhas. A conversa, aliás, fazia parte da sua metodologia política. Conversa é política. E conversa de namorado que nunca se acaba. O melhor tempo para a prática da conversação era no final do dia. Como diria o poeta, “na hora meiga da tarde”, com Dona Juju, às vezes, Dona Sílvia Calmon, Lia, Renato Vaz Sampaio, Carlos Eduardo da Rocha, Luís Henrique Dias Tavares e, quando vivo, Luiz Navarro de Britto. Às vezes os correligionários e amigos, como Conceição Tomazi, Juca de Campo Formoso. E a

conversa corria mansa até quase na hora do jantar. Na Bahia, em sua casa de Brotas, em Brasília, no seu gabinete no Senado, lá compareciam Dr. Renault, Jutahy Magalhães, Prisco Viana, algum prefeito de passagem pelo Distrito Federal, os deputados da Bahia.

Sempre que estava no Rio, era presença na casa de Plínio Doyle, aos sábados, à tarde, para o *Sabadoyle* com Américo Jacobina Lacombe, Carlos Drummond de Andrade, Homero Homem, Homero Sena, Laudo de Camargo, Maximiano de Carvalho Silva, Gilberto Mendonça Teles, Sílvio Meira, Maria Cecília Ribas Carneiro, Olímpio José Garcia Neto e José Gabriel Calmon da Costa Pinto. Em uma pequena plaquete escreveu o *Culto da boa conversa*, que é a ata do Natal do Sabadoyle de 1983.

Homem extraordinariamente polido, reservado, às vezes tímido, mas de atitudes. Não se pense que a polidez o impedia de afirmar o que pensava e o que queria realizar. Não. Cito um caso que mostra bem a sua atitude. Escolhido Oliveira Brito para ser seu Secretário de Minas e Energia, foi procurado por Mário Andreazza, que o aconselhou a desistir daquele político. Ele respondeu que já o havia escolhido. Ponto final.

Sabia guardar certa importância do cargo, mas sem nenhuma demonstração de vaidade e de pose. Tinha a necessária superioridade que reveste os postos políticos de altivez e dignidade. Observando o seu estilo, o Cardeal Eugênio Sales — contou-me o Monsenhor Gaspar Sadoc —, considerava que com o desaparecimento de LUIZ VIANA FILHO fora-se o último político baiano da estirpe dos Mangabeiras. E Jorge Calmon, em recente artigo, contextualizando-o, opina ser o último de uma geração de baianos notáveis como Aloísio de Carvalho Filho, Nestor Duarte, Anísio Teixeira, Pedro Calmon, Aliomar Baleeiro e Hermes Lima.

E agora vamos encerrar

Eis a tentativa de elogio a LUIZ VIANA FILHO, que percebi como pai, político, escritor, artista da palavra escrita e do homem de grande capacidade de convivência humana. Era, primeiramente, um homem público, com clara consciência do serviço a prestar à coletividade. Um realizador, capaz de passar do discurso à ação. A Bahia muito se enriqueceu com as suas obras; basta citar o Pólo Petroquímico. Como a literatura cresceu com as suas biografias. Envolvendo tudo isso, a sua capacidade de comunicação, pois, era homem da convivência, mansa e pacífica, porém, enérgica, quando defendia os seus princípios.

Aqui ficamos nós com as suas gratas lembranças, tocados que fomos pelas suas atenções. Aí estão as suas obras, construídas e escritas. Quanto mais o admiramos, revolvendo a recordação e a saudade, mais o temos, pois a imortalidade é o viver dos outros em nós.

Terminemos devagar, quase em silêncio, como ele gostava de sair, de mansinho e sorratamente, para aproveitar o tempo.

Meus amigos, vivamos o tempo que reflete a lembrança de um homem excepcional, político, escritor e amigo, que se chama LUIZ VIANA FILHO.